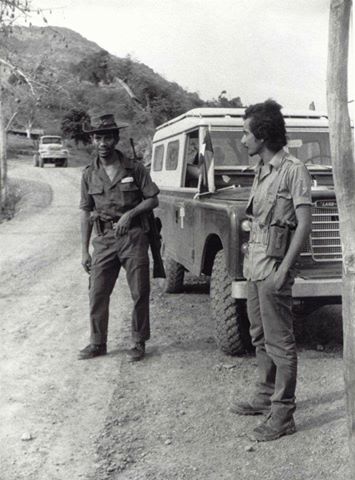
HISTÓRIAS TRÁGICAS DOS PRIMEIROS ANOS DA RESISTÊNCIA EM TIMOR Autobiografia (Ex. Falintil) Paulo da Costa Amaral)

[**Crispim Costa**](https://www.facebook.com/crispim.costa.1?hc_ref=ARTa_MeH-_YS_Vv1ZRhYt1Syt4bzO8uGPPoblu3smqrXtvQmh0rFZS9Eu27rlJyIZdE) shared [Paulo Da Costa Amaral](https://www.facebook.com/paulodacosta.amaral?hc_ref=ARTa_MeH-_YS_Vv1ZRhYt1Syt4bzO8uGPPoblu3smqrXtvQmh0rFZS9Eu27rlJyIZdE)'s [post](https://www.facebook.com/paulodacosta.amaral/posts/1221186587976089).

[January 24 at 8:34am](https://www.facebook.com/crispim.costa.1/posts/1711019648944080) ·

P A X

Partilho novamente esta bela descrição e longo artigo da resistência na primeira pessoa do amigo [Paulo Da Costa Amaral](https://www.facebook.com/paulodacosta.amaral?fref=mentions).

[[](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1221184724642942&set=pcb.1221186587976089&type=3)](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1221184724642942&set=pcb.1221186587976089&type=3)

[[](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1221184901309591&set=pcb.1221186587976089&type=3)](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1221184901309591&set=pcb.1221186587976089&type=3)

[**Paulo Da Costa Amaral**](https://www.facebook.com/paulodacosta.amaral?hc_ref=ARQw633BXhGmA8lBLWbeXfNhSS-o5_g21bR_vGT9TUUhYs3R7Gijd9-GS4R4QuiCqXg) added [2 new photos](https://www.facebook.com/paulodacosta.amaral/posts/1221186587976089) — with [Joao Dacosta](https://www.facebook.com/joao.dacosta.507?hc_ref=ARQw633BXhGmA8lBLWbeXfNhSS-o5_g21bR_vGT9TUUhYs3R7Gijd9-GS4R4QuiCqXg).

[January 24, 2017](https://www.facebook.com/paulodacosta.amaral/posts/1221186587976089) ·

Autobiografia (Ex. Falintil) Paulo da Costa Amaral)

Viqueque, 24 de janeiro 1976.  
Viqueque, 24 de janeiro 2017.

Passam hoje 41 anos. O dia 24 de janeiro de 1976, será sempre lembrado pelo povo de Viqueque, e todos os soldados esquecidos, nunca deverão ser esquecidos. Com uma poderosa força terrestre, apoiada por carros blindados, o dia 24 de janeiro de 1976, ficou marcada na história, o dia em que as tropas Indonésias avançaram na batalha pelo controlo da vila de Viqueque, que a par de Baucau, eram pontos estratégicos para o inimigo, por possuírem o Porto e Aeroporto. Os combates entre as duas forças, duraram 45 dias num percurso de 67kms entre Baucau e Viqueque e ocorreram na temporada chuvosa, e as condições da estrada na altura eram muito péssimas. Hoje, mais do que nunca, não quero deixar de recordar uma das datas mais marcantes e inesquecíveis na minha vida, quando na manhã do dia 24 de janeiro de 1976, fomos escorraçados e forçados a abandonar a querida vila de Viqueque.

Antecedentes.

Depois de ter assistido a Proclamação da Independência do dia 28 de novembro de 1975, seguiram-se dias de espera de algum transporte para ir a Viqueque passar férias, junto dos familiares. Estava em casa da minha prima Maria Rangel Parada, e numa tarde fui até o QG (Quartel General, e ali fui surpreendido com a notícia de que todos os soldados devem apresentar-se urgentemente nalguma unidade mais próxima, porque um submarino indonésio foi visto pela nossa vigilância no mar, a frente da cidade de Dili. Todos os carros que entravam no QG, as pessoas davam conta desta notícia muito aflito: ema barak haré ró funu Indonésia iha tasi laran, depois lakon fali (navio de Guerra Indonésia depois de ser visto por muita gente, desaparece no mar). Um toque da corneta requinte, alertou toda a companhia e os soldados entraram na caserna e cada soldado saiu armado puxando o manobrador da sua arma G3. Foi uma tarde de desespero para mim, por ter deixada a arma em casa, e na altura não era admitido levar armas de um lado para outro, exceto a PM (Polícia Militar) era a unidade militar que a liderança Fretilin elogiava, a melhor tropa que Timor tinha. Combinei com o Domingos Atanico (de Viqueque) que esteve no QG, que arranjasse um lugar para mim. Ele aceitou e ficou a minha espera. Um carro que saiu do QG, fui logo atrás para deixar-me em casa da minha prima, buscar todos os pertences e regressar a QG, em Taibessi. Cheguei em casa mudei da decisão, fui apresentar no quartel da PM, em Caicoli por encontrarem naquela unidade, muitos colegas de Viqueque que era o Carlos Metan, Egídio, Franco, Alfredo Nunes, Pedro Pinto, Pedro Claber e muitos outros. Ao entrar naquela unidade não entendi, alguns destes colegas que mencionei, estavam chateados com alguém e não sabia com quem estavam zangados. Tratava –se usando o termo habitual da tropa, o gajo…..aquele gajo….aquele tipo pa….se não tomar cautela, vai um carregador tudo por cima do gajo. Ou levas uma bala de 7,62 (bala da G3) e já sabes como é. Como estavam chateados, não aproximei deles, porque depois de contragolpe casos como estes foram vários e já estou habituado a este tipo de situações em Ermera e Aileu . Tive que ficar a espera durante alguns dias, e no fim saímos mesmo de Dili, e dois dos soldados da PM, que estiveram de licença aproveitaram para viajar juntamente connosco para Viqueque. Estávamos a poucos dias da invasão, e talvez tinha sido no dia 2 ou 3 de dezembro de 1975 quando saímos de Dili.  
O nosso país que não tinha ainda de infraestruturas básicas, nem havia ainda sequer pontes na ribeira de Manatuto e Laleia, era problemática fazer viagens na época chuvosa, como tínhamos feito viagem de Dili para Viqueque naquela altura. Ficamos alguns dias pelo caminho, e tornou-se pior ainda, o veículo que nos transportava tinha problemas técnicos, e com muita paciência tivemos que permanecer em Laleia durante alguns dias ficando a espera da camioneta que chegue de Viqueque. Era por volta dos dias 4, 5, e 6 de dezembro a poucos dias da invasão Indonésia. Em Laleia, o comandante Vasco Gomes da Costa, vinha sempre avisar-nos, que o Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Guido Diamantino Soares, alertou a todos os comandos de estar em prevenção rigorosa, e segundo ele, a invasão Indonésia poderá acontecer nestes dias. Se não houver transporte para Viqueque, peço a vocês que procurem já uma alternativa para irem a vossa terra, antes que aconteça algo do pior. Deixo a decisão ao vosso critério. Éramos cerca de 20 pessoas, e o pessoal armado éramos três, era eu, Francisco Piedade e Alfredo Nunes com família, mais a minha Irmã e o resto são familiares de Sr. Afonso Ribeiro. Não tínhamos nada para comer e o pouco que trazíamos de Dili esgotou-se na primeira dormida do lado da ribeira de Manatuto. Todos os dias éramos abastecidos por algumas famílias de Laleia que moravam perto de nós. Sentiram-se pena de nós e sempre estiveram connosco para partilha de informações e histórias intermináveis em torno da guerra civil. Outro problema que tínhamos pela frente, era a ribeira de Laleia já levava muita água e para transitar teremos que ficar a espera por algumas horas. No momento que começamos a planear andando a pé tomando o atalho de Uai-Mori, graças a Deus apareceu os meus primos Jorge Amado Soares e José Henriques idos de Viqueque com uma camioneta para nos buscar. Depois de uma longa viagem, por volta das 10horas de noite do dia 6 de dezembro de 1975, chegamos a Viqueque, poucas horas da invasão Indonésia na cidade de Dili. Fui imediatamente conduzido para a residência do Sr. Inácio e D. Petrolina uma senhora muito simpática de origem Indonésia. Na residência do casal, estavam hospedadas uma secção de milícias bem armadas todos do suco de Bibileo, a minha terra de origem. Como já era quase meia noite, não cheguei de cumprimentar o casal, porque já tinham ido para o quarto descansar. Fui imediatamente a procura de um espaço para dormir, sem preocupar mais com o jantar. Naquela manhã, do dia 7 de dezembro, estava ainda na cama a dormir, quando fui acordado por um miliciano que também morava nesta residência, dando conta que a cidade de Dili, já tinha sido invadida pelas tropas Indonésias a momentos. Esta notícia sobressaltou a mim e muitas pessoas. De manhã quando o casal acordou, fui cumprimentar, e passei logo a notícia da invasão da cidade de Dili pelas tropas indonésias. Falamos muito em torno desta guerra. Disse a eles, que eu estava na fronteira a combater o inimigo na vila de Maliana, e sempre acreditei que mais dias e menos dias as tropas indonésias chegarão a capital Dili, mas pela via terrestre. Mas a invasão a poucas horas na cidade de Dili, foi uma surpreza, os paraquedistas desceram aos calados na cidade de Dili, quando a população ainda estava a dormir e ao mesmo tempo no porto de Dili, desembarcaram fuzileiros navais. Não perdi mais tempo em conversas, entrei no lavatório e depois de lavar-se, vesti a farda da tropa e peguei na arma, fui imediatamente ao comando. Mas a D. Petrolina era uma senhora hospitaleira, aconselhou-me para tomar ainda o pequeno almoço antes de ir. Concluído o pequeno almoço, fui imediatamente ao Comando de Viqueque na antiga Administração do Concelho, para a entrega da minha guia de marcha, autorizada pelo CI (Centro Instrução de Aileu). Já estavam ali concentrados muita gente. O tema da conversa era a invasão de Dili. E de um lado para outro as pessoas comentavam, sobre a queda da Bandeira da RDTL que não conseguiu subir ao mastro, na cerimónia de 28 de novembro de 1975 em Viqueque. Segundo o prognóstico de muitos e principalmente um cipaio velho que trabalhava na administração dizia que isto seria sinal de ruim para nós. Falando de paraquedistas, os meus sentimentos voaram logo para a primeira comemoração do dia 25 de abril em Timor, quando a maioria dos timorenses viram pela primeira vez, cinco paraquedistas lançadas de avião a 3,000 metros de altura, no antigo aeroporto de Dili. A única rede de comunicação entre Dili e os Comandos no interior da Pátria, era feita através da rádio Racal deixada pelos militares portugueses. Embora as informações sejam muito escassas, confirmamos a morte do Sargento Carmo, antigo futebolista da Companhia do QG, e talvez tinha sido um dos primeiros militares morto no primeiro dia da invasão. E a tarde quase o sol ia caindo no horizonte, soubemos da morte de muitos timorenses assassinadas na Ponte Cais, mas foi citada apenas o nome de Rosa Bonaparte (Muki) que era minha colega. Na hora do almoço, quando todas as pessoas estavam confusas sem saber muito das notícias da cidade de Dili, por volta das 14 horas, um avião Indonésio voou muito alto por cima da vila de Viqueque, lançando muitos panfletos que se espalharam nos arredores da vila. Os nossos soldados milícias, aproveitaram-se desta oportunidade para experimentarem as suas armas fazendo tiros para o ar, e até dispararam o avião com a pistola F.B.P. Líamos alguns panfletos na tarde do dia 7 de dezembro, e hoje passaram mais de 41 anos, ainda consigo lembrar de algumas inscrições que eram de caráter propaganda que dizia: As Forças conjuntas da UDT, Apodeti, Kota e Trabalhista, caminham decididamente para Dili. Pedimos as Forças da Fretilin para recolherem as suas armas e entregarem-se cada um nos seus concelhos. Viva o Movimento anticomunista da UDT e Apodeti. Também em Viqueque, escutava-se a rádio anticomunista difundida em Kupang, ou Atambua, que lançava para o ar, ameaças constantes pelo Lopez da Cruz, Presidente da UDT e apelava a rendição da Fretilin. Também falava em Tetum: Ami nia morteiro ho canhão mear dala- ida, soldado Fretilin sira, subar iha ai-kuak no Fatu-kuak. Não quero ser arrogância naquele dia, mas sinceramente seria um dos homens ligeiramente experiente do que outros soldados em termos de combate, passei pelo contragolpe nas operações contra a UDT em Railaco e Ermera, e também era ainda o único que passei pelos combates na fronteira contra as tropas indonésias em Maliana. Fui convidado para uma reunião de caráter urgência convocada pelos comandantes Aníbal de Araújo e José Monteiro, ambos eram chefes do Posto do tempo colonial. Presente também nesta reunião era o António Bulak, Adroaldo, Zeca Parada, Óscar e mais outros. A minha proposta foi bem acolhida, isto é, o plano da colocação das nossas forças na vila em secções, nos lugares identificado como pontos estratégicos, e preparar-se para o ataque caso houver desembarque de paraquedistas indonésias. Foi implementada este plano, mas nunca foi perfeito. Éramos todos inexperientes da Guerra, não sabíamos o que fazer perante aquela difícil situação. O Comandante José Monteiro natural de Lospalos, várias vezes através da rádio Racal, falava em dialético de Lospalos com o Comandante João Branco e perguntava muito sobre: quando virá a Alfa ou ajuda da China Pequim? Era a preocupação de cada pessoa naquela temporada de Guerra. Também o Comandante Aníbal de Araújo, não se cansava de perguntar para outros comandos sobre a Alfa (a nossa ajuda externa que era a China Popular). Só uma intervenção de Alfa, poderemos expulsar os indonésios de Timor. Numa situação tão difícil como vivíamos na altura, contudo, havia um homem excêntrico, com caraterísticas muito diferentes, era conhecido por António da Silva (Mau Bulak) soldado do Exército Português do Destacamento Serviço Material. Para onde ele ia, nunca cansava de falar, que ele foi o herói de 20 de agosto, a data do levantamento militar que acabou com o sonho da UDT de governar Timor à força. Todas as vezes que falava, sempre batia a mão no peito, ia sempre repetindo as mesmas palavras, era eu, o Ponciano, e João Teodósio os únicos protagonistas do contra - golpe. Éramos nós os primeiros a arrebentar em Dili. Ameaçava de um lado para outro, e por vezes fazia disparos para o ar, e defendia sempre das suas decisões que eram mais certas do que os comandantes Aníbal e José Monteiro. Vim a conhecê-lo depois, que afinal não era um homem corajoso na linha de fogo. O comandante António Mau Bulak morava com uma secção de milícias na residência do Sr. Inácio e D. Petrolina e era o rosto incómodo para aquele casal da idade de sopa. A par do Zeca Parada, eram os instrutores de milícias.   
Três dias depois, as tropas Indonésias desembarcaram em Seixal, e tomaram em seguida a vila de Baucau sem resistência nenhuma. A partir daí, Viqueque era o centro de mobilização das Forças, que são enviadas para Baucau, em missão de guerra. No início de guerra, ou mesmo depois do Contragolpe, enquanto a Fretilin já governava de facto Timor Leste, havia dois ou três nomes no seio das Forças Armadas da Fretilin, designadas por Tropas Efetivos e Milícias. Milícias eram tratadas, a todos os civis que foram recrutadas pelo exército para reforçar as suas fileiras e tropas efetivos, eram militares ainda ativos no Exército Português na eclosão da Guerra civil. Muitas vezes tratava-se também de Forças da Segunda Linha, que era um tipo de forças usadas pelo governo colonial para a segurança nas zonas fronteiriças. Em outubro e novembro de 1975, quando a Indonésia iniciou a sua operação ocupando algumas vilas na fronteira, maioria das nossas forças movimentadas para Balibo, Cailaco, e Atabae eram forças da Segunda Linha. Tudo isto aconteceu, porque o nome Falintil não era ainda popular na época. Tais nomes ficaram extintas na segunda reunião do Comité Central da Fretilin, que teve lugar em Soibada à 16 de maio de 1976, num encontro que ficou marcado pelo abandono inesperado do Presidente da República Francisco Xavier do Amaral, enquanto ainda decorria a reunião. Não havia mais diferença entre milícias e tropas efetivos. Fretilin passará a contar como única força que se chama: FALINTIL” Forças Armadas da Libertação Nacional de Timor Leste). Também ficou decidido neste histórico encontro que é o Comité Central da Fretilin quem comanda a luta e não os Lulik (objetos sagrados ou misteriosos).

Loilubu e Caibilori.

A situação tem evoluído bastante rápido, e soubemos através da Rádio Racal, que o inimigo já tinha chegado até GARIVAI, e a partir daí os nossos comandantes de Baucau e Venilale, identificaram outras localidades mais vantajosas para estancar o inimigo que estava indo em direção para Viqueque. Era a vasta região de Loilubo do Posto de Vemasse e Caibilori do Posto de Venilale. São duas localidades ligadas umas as outras que tem o acesso a via principal de Venilale que vai ter a Viqueque. Logo no início de combate em Caibilori, um miliciano de nome André natural de Uai-Mori do Concelho de Viqueque, foi atingido mortalmente pelos estilhaços da artilharia inimigo. Transportado imediatamente para Viqueque, os restos mortais foram enterrados no Cemitério de Santa Cruz, com honras militares na presença dos familiares. A guerra durou cerca de um mês, nesta zona coberta de várias espécies de arborização, recheado de pedras de calcário, rica em pecuária e muita agricultura que se via na altura, batata, milho, mandioca e variedades espécies de feijão. Era a população que nos alimentava durante semanas de guerra. Várias vezes, nos momentos quando as duas forças estavam em combate, (tiru malu) ficamos assustados a presença de homens e mulheres que de forma voluntária vinham trazendo comida para nos abastecer. Mal que vimos gritamos “toba ba rai” “deitam-se no chão” para não ser atingido pelas balas do inimigo. E eles respondem: (diak) está bem, mas muito divertido aquela gente muito destemida. Havia um homem lavrador de terra conhecido por Mau-Bosi, era alto, forte e muito corajoso no combate. Não era tropa e nem milícia, talvez da Segunda Linha não sei, mas habituou-se com uma metralhadora ligeira, e nunca tem faltado um dia na linha de frente. Em cada embate com o inimigo, sempre disparava a metralhadora ficando levantado. Questionado porque não atira deitado, ele responde: atirar deitado não vejo o inimigo, só levantado posso ver onde que ele está e se fugir mando rajada atrás dele. São recordações de Guerra, que apesar de muito tempo, ainda consigo lembrar. Quase diariamente, vinham aviões metralhar e lançando bombas sucessivas vezes nas duas localidades do conflito, deixando pessoas e animais mortos, e de um lado para outro era visível crateras de grande dimensão. Também não faltava detonações com um som potente que se pode ouvir muito distante: pumba…poun…kraaa… Eram morteiradas e obuses disparados pelo inimigo. Também respondia de imediato disparando morteiro de calibre 60 em direção as suas forças na linha de frente. Mas as pessoas como já estavam habituadas a este tipo de situação, ficavam perto de mim, para ver a trajetória do foguete quando ia lançar o morteiro 60. Depois da explosão eles gritam assim: “Ne’e so balum mate” (de certeza que alguns estão mortos). Há uma história interessante que permite contar: Um dia, um elemento da população chamado Martinho que sempre esteve na linha de frente para apoiar logística às nossas forças, fora capturado pelo exército inimigo. O soldado indonésio que capturou era naturalidade timorense que se juntou ao inimigo, mas entre os dois, segundo contam, existia alguma ligação familiar. Como se conheciam bem entre eles, o soldado indonésio depositava alguma confiança no homem capturado, entregando-lhe a sua arma do tipo G3 para segurar, enquanto ele se preocupava naquela manhã chuvosa para assar o milho verde na fogueira. Como estava a chover demasiado, ninguém se importou deste homem capturado com uma arma na mão. Sem ser vigiado, e cada um se preocupava para fazer comida, o homem arranjou a coragem entrando naquele milheiral que chovia torrencialmente, fugindo-lhe com a arma. Pouco tempo depois, por volta de meio-dia chegou a Venilale são e salvo. Todos nós fomos chamados para escutar a história deste homem corajoso com uma idade que rondava entre 25 a 30 anos. O comandante Cirilo Nunes (Mau Brani) disse-lhe que esta arma pertence a você. Perguntou-lhe a seguir, queres ir à Guerra? Ele foi perentório: Estou pronto para a guerra. E foi um dia de azar para aquele infeliz soldado indonésio. Nunca se sabe, o que seria o seu destino. O Comandante Mau Brani em poucas palavras disse as nossas forças, que o sucedido sirva também de lição para nós, e podemos cair no mesmo erro se não formos cautelosos. Na guerra a nossa mulher é a nossa arma. Seguiram-se dias terríveis de combate naquela zona. Fizemos tudo ao nosso alcance para travar o avanço do inimigo em direção a Viqueque. Não era conhecido tréguas para ambos os lados e muito menos chegássemos acordo de cessação de hostilidades do Natal de 1975 e passagem do Ano Novo. Uma eventual perda de Loilubo e Caibilori, seria um passo muito importante para o inimigo, e provavelmente representaria o fim de Viqueque.

Enquanto decorriam combates naquela área de Venilale, em Viqueque, foram libertados os Liurais na prisão de Olobai, era o Sr. Luís Gonzaga e irmão Mateus Soares, António Pinto e irmão Vasco Pinto, Miguel Viana e mais outros com o passado ligado ao partido da UDT. Também foi libertado o José Lakurika, e Sr. Leão Amaral, este dois foram por motivos do Furriel Hélio Amaral, filho do velho Leão Amaral ter rendido nos primeiros dias da invasão de 7 de dezembro em Dili. Os Liurais que tinham grande influência em Viqueque, prometeram-se apoiar a luta em Venilale, mobilizando seguidamente a população para encher estacas de bambu (ai-sura) espetadas no chão com ponta aguçada virada para cima, cobrindo todo o perímetro do campo de futebol e também no aeroporto para receber o desembarque dos paraquedistas. Para animar a população que estavam a trabalhar na colocação de suras, levei uma bandeira da Fretilin içando no mastro à frente da Escola Primária. Dia após dia, os combates são cada vez mais difíceis para os indonésios chegarem a vila de Viqueque que tem o Aeroporto e Porto em Beaço. Com este impasse, e caso não haver caminhos para ultrapassar esta barreira, as altas chefias militares Indonésias, até podem buscar outras alternativas, isto é, mesmo sabendo que a operação seja de alto risco, um eventual desembarque de paraquedistas na vila de Viqueque, ou seja a nossa retaguarda, é exequível. Antecipando de tudo o que poderia acontecer em Viqueque, já tínhamos o plano de ataque e contra-ataque na mão, porque não queremos que os paraquedistas nos venham acordar no quarto enquanto estamos ainda a dormir, como tenha acontecido em Dili, no dia 7 de dezembro de 1975. Com a experiência adquirida em vários combates, seria mais fácil abater o inimigo ainda suspenso no ar, do que abater o inimigo no solo. Mas mesmo que isto não venha a acontecer, estivemos sempre atentos a este tipo de operações que já foi lançada em Dili e Baucau. Também através da rádio Racal, soubemos que em Betano e Suai são frequentes a passagem de navios indonésios e de quando em quando bombardeavam as posições das nossas forças. É sinal de que um desembarque de fuzileiros navais inimigos, tenham os dias contados nas duas vilas do lado meridional. Antes do final do Ano, tínhamos informações que a vila de Laleia já fora ocupada pelas tropas indonésias na noite do Natal. Laleia que esteve a ser comandada pelo Furriel Adão Cristóvão, ofereceram resistência contra a ocupação da vila, e neste embate, três dos nossos combatentes perderam a vida em Laleia. Cerca de uma semana depois do final do ano, tínhamos sido informados pelo Comandante Adão Cristóvão pela via rádio Racal que a vila de Manatuto já foi tomada pelos indonésios no dia 31 de dezembro de 1975. O comandante de Manatuto João Pedro, mais alguns dos seus soldados entregaram-se pacificamente as forças indonésias. Mais uma vila do lado setentrional foi ocupada por inimigo, mesmo no último dia do final do ano. O posto Vítor (Viqueque) monitora parte de alguns acontecimentos através da rádio Racal, uma única via de comunicação qua na altura tínhamos.

Enquanto as nossas atenções estavam viradas para a Guerra em Venilale, na vila de Viqueque, as ordens do Ministro Hélio Pina, foram fuziladas duas pessoas em locais separados sendo o primeiro na vila de Viqueque e o segundo em Bibileo pouco afastado da vila. O primeiro homem abatido era conhecido por mestre Hornay dos Reis de Barique. Detido na sua terra Natal, foi escoltado até a vila de Viqueque, onde conheceu a sua sepultura em Olobai no dia 25 de dezembro de 1975. As causas que levaram ao trágico desfecho da história são, até então, desconhecidas. Por mera casualidade, anos depois casei com uma das netas deste homem malogrado. Uma semana depois, no início do Novo Ano 1976, o Ministro Hélio Pina e os dois Adjuntos Solan e Fernando Tchair retiraram-se para Bibileo, embora em Viqueque a situação permanece calma e a população ainda não tenha sentido o sabor de Guerra. Foi ali executado o segundo homem conhecido por Cabo Eduardo de Lacluta, tropa do exército português ainda era ativo na eclosão da Guerra civil. Detido na sua própria terra, foi escoltado até Bibileo, também por motivos que não chegamos de apurar. As ordens do Ministro Hélio Pina, ordenou dois milícias para executá-lo. Cumprindo as ordens do Ministro, os dois acompanharam até a orla da ribeira, mas não tiveram a mínima coragem de matar a tiro este homem. Na altura chovia muito, e passaram já cerca de meia hora, o ministro não ouviu ainda os disparos da espingarda. O ministro ficou muito zangado. Em seguida, mandou-lhe mais dois milícias, para saber porque é que ainda não foi fuzilado este homem. Temendo de qualquer represália do ministro, ou outras situações que podem pôr em risco a vida deles, ordenaram o homem cavar a sua própria sepultura no vale de uma irrigação da várzea. Depois de ter a cova pronta, pediu-lhe aos dois milícias que desse mais um tempo, para fazer a sua oração. Concluída as orações, deitou-se na cova e com a cara virada para terra, os milícias fuzilaram-no a tiro. Termina assim o fim deste homem. A sepultura estava em terra a cerca de 15 metros do curso da água da ribeira, mas devido de enchentes anuais, a água abriu muita margem durante os 41 anos, criando uma maior largura da ribeira, e arrastando consigo todos os restos mortais do homem para outros lugares. Ninguém esteve na altura, para impedir o ato loucura do Ministro. Na altura era ainda muito novo e ingénua de compreender as questões políticas e como militar não era esta a minha tarefa, mas o comportamento obscuro do Ministro, deixou mal-estar no seio da população. Sabia da morte destes, porque, fazia parte da mesma mesa na hora das refeições, com o Ministro Hélio Pina, e seus dois Adjuntos, Fernando Chair e Inacio Solan, que meses atrás, já lhes conheci em Aileu no tempo do golpe da UDT. Também na mesa faziam parte o Comandante Aquilis, o Comandante Aníbal de Araújo, natural de Same, José Monteiro natural de Lospalos, o Óscar irmão do Aníbal de Araújo, e primos Zeca Parada e Afonso Rangel. Na Messe do Comando, que era a antiga residência da PIDE, comíamos do bom e do melhor, após a libertação dos Liurais. Havia peixe, enguia, camarão e outras espécies aquáticas, pescado no coilão de Wé-Aifoun, propriedade do reino de Balarwai’in, situada nas proximidades do mar. Também havia vinho Tinto e cerveja Laurentina reservado só para a Messe. Enquanto em Venilale decorria combates entre as duas forças, em Viqueque a situação permanecia calma, porque a guerra ainda não tinha chegado. As pessoas continuam indo ao bazar nos domingos. Mesmo que não tivesse nada para vender ou comprar, o mais importante é ir lá para saber quando virá a nossa ajuda externa que se referia a China Popular. Na altura tínhamos duas pessoas impedidas de ir a Guerra em Venilale, e eram encarregadas de escutar a rádio Pequim, a pedido do comandante Aníbal. O Sr. Manuel Bento encarregava-se de escutar notícias transmitidas em português e o Rai-Bot escutava a rádio Pequim em idioma Mandarin. Rai-Bot era filho de uma comerciante chinesa conhecida por Nona-Asam, que no tempo colonial fazia negócio da venda de pães em Viqueque. Os dois andavam de um lado para o outro com o aparelho nos braços, e todas os dias davam as mesmas notícias o seguinte: A República Popular da China exige a retirada imediata das tropas Indonésias de Timor Oriental. ONU condena a invasão da Indonésia, e exige a saída imediata das tropas Indonésias do território. Não eram só os comandantes que desejavam saber das notícias. Também os milícias queriam saber das notícias do dia. Quando passava ali o Rai-Bot, o miliciano vai perguntar: Nó (nó, era o nome que os timorenses davam ao filho Chinês) China Pequim, atu mai duni lae? Nó, a China Pequim, vem mesmo ou não? E o Rai-Bot responde: Ita nia ajuda sei mai, hein de’it (A nossa ajuda há de vir, ficamos só à espera). Nos domingos, antes do início do bazar, o líder máximo da UDT, o Sr. Luís Gonzaga (Nah’i Luis) era convidado pelo Ministro Hélio Pina de proferir algumas palavras a população no bazar de acordo com os tópicos já preparados pelo ministro. De certeza que o tópico de esclarecimento era diferente naquilo que ele sempre tinha pronunciado antes da Guerra nos comícios da UDT, que era cerca de 99% afeto a UDT. Sob as orientações do Ministro, o sr Luís Gonzaga falava: (UDT sei apoia tomak Fretilin nia funu iha Venilale). A UDT apoia total a luta da Fretilin em Venilale. (Independência lolos ba rai Timor maka Fretilin defende) A independência verdadeira de Timor é aquele que a Fretilin defende. (Hau husu ba população tomak atu fo apoio ba Fretilin). Peço a toda a população para dar apoio a Fretilin). Nestas situações, seria muito perigoso proferir coisas contrárias a Fretilin. Também por uma ou duas vezes falava a população no bazar em pequenos grupos dizendo, a China Pequim há de vir, mas quando não se sabe. Viqueque esteve várias vezes bombardeada pela aviação Indonésia, mas a situação permanece calma, e sempre coordenamos as nossas atividades pela via rádio Racal, reportando sempre a situação na linha de fogo. Embora a situação esteja cada vez mais difícil para nós, nunca afastou a hipótese de continuar a lutar até últimas consequências em Venilale. Numa tarde, estava em Viqueque do regresso de Venilale. Depois do almoço na Messe do Comando, por volta das 14 horas, a Força Aérea Indonésia, veio metralhar a vila e ao mesmo tempo lançando bombas na Vila e seus arredores. Chamei o Comandante Aquilis e fomos proteger-se numa gigantesca mangueira que estava erguida, atrás da atual igreja, mas já foi eliminada. Depois o comandante chamou-lhe um milícia que emprestasse a sua arma Mauser, que tinha o alcance superior a G3, e a partir daí éramos três sempre a rodar-se ao lado da mangueira dependendo para onde ia o avião. Cada bomba que atingia o solo era um potente som terrível …..padum…… em seguida levantava muita terra para o ar e acompanhada de fumo negro e é ouvido em grande distante. Enquanto o avião descarregava bombas, o Comandante Aquilis não poupava críticas muito severas ao Governo Português e também aos partidos políticos. Continuando mais dizendo, o povo de Timor é trabalhador, todos os anos fazia várzea e horta para a sua sobrevivência. Nunca pediu esmola a ninguém. Não quer a Guerra. Não quer ver o seu país ser destruído pela bomba. O povo não quer o comunismo. Eu quero viver bem. O avião voou muito alto, e ninguém disparou do solo. Depois do avião concluir a sua missão, fomos andando até a Serração era só para ver os lugares onde caíram as bombas, deixando crateras de grande dimensão. No nosso regresso a Messe do Comando, na antiga residência da PIDE (Polícia Inteligência da Defesa do Estado) estavam levantados um grupo de milícias no monumento de D. Jeremias de Luca, cumprimentando o Comandante Aquilis de punho cerrado, que é era a caraterística política da Fretilin. O comandante respondeu-lhe com um sorriso e uma voz não muita alta dizendo: (Hó Atu Soku Fali Hau Ga). Queres dar soco em mim. A partir daí, distanciei um pouco dele, com receio que ele se manifestasse alguma atitude política contra a Fretilin diante do Ministro Hélio Pina.

Ministro Hélio Pina, Adjuntos Inácio Solan e Fernando Teles.

Eram estudantes bolseiros Timorenses, que frequentavam o Curso Superior em algumas Universidades de Portugal. Não chegaram de concluir os seus estudos. Depois de uma profunda reflexão, para além dos três, havia ainda cerca de uma dezena deles, que abandonaram os seus estudos, escolhendo o regresso a Timor, e uniram-se em torno do partido Fretilin. Depois da declaração da independência de Timor Leste no dia 28 de novembro de 1975, Hélio Pina foi nomeado como um dos Ministros do Primeiro Governo Constitucional. A presença destes em Timor era adorado por uns e odiado por outros, por importarem a ideologia do Marx e Lenine, que a Indonésia o aproveitou servindo de pretexto para anexar o território. Também, a oposição timorense em Portugal sempre tem criticado, que estes voltariam a Timor para pintar paredes. Pouco tempo depois da cidade de Dili ser invadido pelas tropas indonésias, foi indigitado pelo Primeiro Ministro Nicolau Lobato, aceitando cumprir os seus deveres, seguindo com missão de apoiar o comando de Viqueque, e era coadjuvado pelo Adjuntos Inácio Solan e Fernando Teles este último antes de ir a Portugal, esteve a frequentar o Curso Agrícola de Fatumaca, onde estive também. Na companhia destes, partiu também o Comandante Aquilis, que por ordens do Primeiro Ministro iria a Quelicai, para coordenar as forças da região de Baucau, mas este ainda esteve por algum tempo na vila de Viqueque. A caravana seguia de um Unimog, partindo do quartel de Aileu, chegando a vila de Viqueque numa tarde chuvosa, cuja data não me lembro.  
Com sucessivos combates, dia após dia, as tropas Indonésias acabaram por ganhar esta importante batalha de Loilubo e Caibilori, colocando as forças da Fretilin numa posição fragmentada e debilitada. Os avanços das forças Indonésias nestas duas zonas ganharam ímpeto em uma nova ofensiva depois da virada do ano e as forças que estavam a ser apoiadas pelos blindados conseguiram pela 1ª vez chegar ao Suco de Bercoli, em direção ao Posto de Venilale. A partir daí, o nosso comando perdeu o total controlo das suas forças, e o grau de combatividade das nossas forças, caiu para os níveis mais baixos. Com esta derrota, Viqueque tinha os seus dias contados para ser capturado. As forças de Viqueque, Barique, Lacluta, UATO-LARI e Ossu, optaram pelo regresso as suas terras de origem, permanecendo só forças de origem de Venilale e algumas de Baucau. Também o comandante Aquilis que foi de Viqueque para lá não retornou. Juntou-se com alguns dos seus soldados rumaram em direção a Quelicai.

Quem era o Comandante Aquilis?

O nome completo é, Aquilis Frederico Freitas Soares. Nascido em Ossurua, no dia 6 de dezembro de 1936, no Posto Administrativo de Ossú, Concelho de Viqueque. Nunca se sabe onde fez os seus estudos da instrução primária, e em que ano iniciou a sua carreira militar, mas soube depois que até 1975, esteve no Agrupamento Militar da Cavalaria 6 de Atabae, ocupando o posto de Segundo Sargento. Na sequência do golpe militar da UDT a 11 de agosto de 1975, os oficiais portugueses abandonaram o Comando de Atabae, deixando um vazio de poderes no quartel. Já no período de turbulências que assola o território de Timor, Aquilis que já foi promovido a posto do Primeiro Sargento, figura na primeira lista para comandar o Quartel de Atabae. Por motivos de não haver outra escolha, Aquilis foi indigitado para assumir o comando da Cavalaria 6 de Atabae, no momento que Timor enfrenta pela segunda vez a crise política e militar após a segunda Guerra Mundial. Na tentativa de persuadir o Comandante Aquilis para apoiar o fracassado golpe da UDT, dois militares em Balibo que aderiram a UDT, ainda chegaram a entrar no portão do quartel de Cavalaria 6 em Atabae. Sem suspeitar de nada o que irá acontecer, o Furriel Vieira que era natural de Lospalos, foi alvejado mortalmente pela sentinela na guarita quando este tentou entrar no quartel de Atabae. O segundo homem que era conhecido por Clementino natural de Suai, foi detido e espancado até a sua morte. A partir daí, o comandante Aquilis era muito falado no seio das Forças Armadas e era muito elogiado pela Fretilin, pela forma excecionalmente, porque soube comandar as suas tropas mantendo-se firme, de não adesão a golpe da UDT. Também foi muito notável pelo seu trabalho, em defesa de Atabae na luta contra as forças invasoras indonésias em outubro e novembro de 1975. Por revelar a sua postura política ante a Fretilin, Aquilis que antes da invasão Indonésia tinha sido uma grande figura militar em Atabae, foi detido em Quelicai, a terra do berço. Além do Comandante Aquilis, foram também presos outros dois dos seus seguidores, Ponciano e João Teodósio, e foram transferidos de imediato para Uai-Mori, no Setor Centro Leste, para cumprirem o seu justo corretivo. Pouco tempo depois, sob a decisão do Comissariado Político do Setor Centro Leste, foram executadas estas três figuras que muito apoiaram a Fretilin no levantamento militar de 20 de agosto de 1975, pondo fim o Golpe da UDT. As divergências políticas com a Fretilin, esteve na origem da morte destes valiosos homens, que repousam no eterno silêncio, nas colinas desertas de Uai-Mori.

De regresso a Caibilori e Loilubo. Com a vitória militar alcançada pelo inimigo em Caibilori e Loilubo, as tropas Indonésias tiveram pela frente uma tarefa fácil de chegar a Viqueque em poucos dias. Registaram-se alguns pequenos combates, ao longo da via que vai até o Posto de Venilale, mas tal classificadas combates isoladas, que não representaria nada de perigo para o inimigo. A escassos quilómetros de Venilale, em Nun Doko, um colega meu que em vida respondia pelo nome de Egídio, antigo futebolista júnior num dos clubes de Dili, foi atingido por uma bala e ferido gravemente. Foi logo evacuado de imediato para Viqueque pelo Sr. Ludovico Freitas. Veio a falecer no hospital de Viqueque, por não resistir a ferimentos graves e também havia falta de medicamentos e médicos especializados. Transportado de novo para Ossú, ficou entregue aos familiares e enterrado em Lariguto.

Fim da primeira parte. Bem haja a todos